

CONTOS

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649289011

Contos by João da Câmara

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

JOÃO DA CÂMARA

CONTOS

CONTOS

JOÃO DA CAMARA

CONTOS



1900
LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª
108, Rua de S. Roque, 110
LISBOA



AS MÃES

O sol despedia os raios mais vividos. O
suão aquecido nas cinzas das queimadas so-
prava abraçador. Via-se tudo em volta como
atravez de vidros amarellos.

O caminho era ruim, apenas indicado por
velhos muros afogados em silvas e cheios
de musgo como ferrugem, que lindavam as
tapadas. No meio da estrada erguiam-se de
espaço a espaço enormes penedos, que ain-

da conservavam os furos das brocas, mostrando um trabalho abandonado de um dia para outro, falta de dinheiro, alguma eleição perdida. Massas enormes de granito esbranquiçado erguiam-se de uma e outra banda, umas por cima das outras, acastelladas. Por entre as pedras cresciam as giestas sequinhas, cujo fructo crepitava abrindo-se aos beijos do sol e deixava cair a semente na terra. Nos pontos mais elevados resalhavam do tremulo azul celeste uns carvalhos rachiticos e tortos, que não davam sombra.

Elle caminhava alegre, estrada fóra, parando de vez em quando para escolher nos cachos das amoras, que relusiam ao sol, as menos maduras, avermelhadas, rijas, cujo acido lhe mitigava a sede.

Ainda vinha com o seu bigode, com as calças de linho e as botas pretas de soldado, em que brilhavam como lentejoulas os pedacinhos de mica do granito desfeito.

O gosto com que elle diria lá na terra ao Antonio: — «Deite-me isto abaixo, ó mestre,

e talhe-me n'esta cara uma suissa como a que eu tinha d'antes e a tinha meu pae, que Deus haja.»

E passava a unha pela cara, satisfeito, marcando a suissa que havia de usar.

O gosto com que atiraria para o lado aquellas botas engraxadas, a mortificarem-lhe os pés e que, apesar do bom tamanho, lhe pareciam botas de senhora, boas, quando muito, para o domingo, quando fosse á missa. As botas altas, brancas, de bom salto de prateleira muito commodo e tão bom para andar, lá tinham ficado penduradas n'um prego, defronte da lareira, muito bem enebadas e recommendadas. Tinham umas tombas, é verdade, mas eram botas amigas. Como havia de calçal-as, contente, para sair com ellas para o trabalho, quando vem rompendo a aurora, quando o céu é cheio de luz e ainda não ha sombras na terra!

Ia morto por voltar aos habitos velhos, á santa vida do campo.

Lembrava-se, cheio de saudades, das boas

historias, que se contam pela estrada fóra, na volta do trabalho, caminhando lentamente atraz dos burros, que, de orelhas muito cahidas, projectam na alvura da poeira sombras de gigantes.

O que hão de rir os ganhões com as historias novas que elle traz do quartel!

Quasi ao chegar á villa, ao pé da volta da estrada, um nadinha para baixo, á direita, é a fonte. Quando ali se chega, grita-se *chó!* aos burros, pára-se um bocado a conversar e contende-se com as raparigas que passam de bilhas á cabeça, bem apumadas, de ancas fortes e caras sadias, com uns fios de dentes, que o pão de centeio torna muito brancos, como folhinhas de malmequeres, e que ellas gostam muito de mostrar, abrindo em grandes risos, por qualquer dichote amavel, as boccas muito vermelhas, mais frescas e perfumadas que uma ginja.

Aquelle bocado de tempo era sempre o melhor do dia.

E, ao pensar na fonte, alargou o passo.

E' coisa aborrecida estar de sentinella duas horas, uma noite de inverno. E a agua pela valeta a correr, barrenta, cheia de espuma, precipitando-se na sargeta, com uma bulha muito triste, muito monotona, tão diferente do estrepito das ribeiras quebrando as aguas nos rochedos das voltas!

Elle pensava na fonte e nos taes labios vermelhos. E o tempo assim lá passava mais depressa.

Um outro, ás vezes, tão triste como elle talvez, gritava-lhe de uma guarita perdida na treva:

— Sentinella, álérta!

E elle respondia, engrossando a voz:

— A'lérta está!... Sentinella álérta!

E, enquanto os gritos repetidos se iam perdendo ao longe, recahia no mesmo pensar constante, a fonte, sempre a fonte, e triste, sempre triste.

Mas afinal estava livre! N'aquella mesma tarde, á hora em que as chaminés começam fumegando e debaixo das parreiras,